

Resumo: O conceito de paróquia tem significado canônico, teológico e pastoral, indicando uma comunidade formada por uma porção dos fiéis que buscam viver conjuntamente a fé cristã, e se organizam orientados por um pároco o qual tem a responsabilidade de lhes orientar na vida cristã e eclesial. O Documento de Aparecida propõe a paróquia como “comunidade de comunidades”, “células vivas”, lugar privilegiado da vida cristã e eclesial. Isso exige repensar não apenas a paróquia, mas a Igreja que nela se manifesta.

Abstract: The meaning of the word “parish” contains distinctions in various contexts, such as canonical, theological, and pastoral, applied to a determinate number of followers of the Catholic religion. A creative use of this term focuses on the endeavor to create an interfaith exchange of experience and religious rites under the directives of a pastor, appointed by the bishop, who is in charge of the organization and leadership in the style of life and ministry of the faith community. The Document of Aparecida privileged the parish as a “community of communities” supplemented by “living cells” in terms of relationship, participation, and responsibility of the parishioners in Church activities.

Formação cristã na comunidade paroquial

*Pe. José de Lima**

* Diocese de Cornélio Procopio – Paraná. Assessor Diocesano da Animação Bíblica da Catequese.



1 Definição do termo paróquia

Para o termo paróquia e para o assunto que será abordado neste artigo, é importante recordar, num primeiro momento, que “paróquia” segundo o Código de Direito Canônico “é uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco, como seu pastor próprio”¹.

Em segundo lugar, quando se fala em paróquia ou comunidade paroquial, está se referindo a ela como um todo, ou seja, não somente nas pessoas que vivem em torno do centro aonde se localiza a Igreja matriz, mas, seguindo a afirmação pastoral do Documento de Aparecida: “a paróquia é comunidade de comunidades, nas quais vivem e se formam os discípulos missionários de Jesus Cristo [...]. São células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de comunhão eclesial”².

Por último, a paróquia, segundo as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2011 a 2015 é: a) Casa da Iniciação à Vida Cristã; b) Lugar de animação bíblica da pastoral; c) Comunidade de comunidades; d) Serviço da vida plena para todos.

Nesse sentido, “é dever próprio e grave, sobretudo dos *pastores de almas*³, cuidar da *catequese do povo cristão*⁴, para que a fé dos fiéis, pela instrução doutrinal e experiência da vida cristã, se torne viva, explícita e operosa”⁵. “O pároco, em razão do ofício, tem obrigação de procurar a formação ‘catequética’ dos adultos, dos jovens e das crianças”⁶.

¹ CODIGO DE DIREITO CANONICO. Can. 517, 1§.

² CELAM. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007. Cap. V. n. 170.

³ Entenda-se “pastores de almas” como os párocos. (Grifo meu)

⁴ Esse termo nos remete a toda a formação cristã de maneira geral. E quando aparecer a palavra “catequese”, não se está referindo nesse artigo a um grupo específico de evangelizadores, ou seja, os catequistas propriamente ditos, mas a todas as pessoas e grupos: pastorais, movimentos e organismos, envolvidos no processo de formação do povo de Deus na paróquia. (Grifo meu)

⁵ Ibid, Can. 773.

⁶ Ibid, Can. 776.



2 A Igreja num mundo em mudança

Atualmente, porém, especialistas como Joel Portella Amado têm afirmado que, como estamos num tempo de “mudança de época”, este fato atinge os critérios de julgar, de ver e de compreender a vida. Afirma que os valores que no passado eram importantes, foram colocados de lado e outros valores que estavam adormecidos, retornaram para o centro do atual cenário mundial.

Para ele, este contexto gera um novo perfil de crente, de relacionamento com a crença, com a fé, com a religião. Não há mais preocupação com a distinção entre as três palavras: crença, fé e religião. Esse novo crente, segundo Portella, é alguém que tem a preocupação mais voltada para si, do que para a instituição; para a escolha do que para a tradição; para a novidade, do que para a repetição; para a emotividade, do que para a racionalidade. Nesse caso, aqueles mecanismos que antes eram usados para transmitir a fé, já não têm a mesma força⁷. Para o autor, se faz necessário refletir sobre duas questões, por meio das quais se contextualiza o que está acontecendo:

A primeira constatação nos leva a ultrapassar os limites da Igreja. O fenômeno que estamos experimentando não é específico da Igreja Católica. No âmbito religioso, ele atinge também as Igrejas da Reforma, notadamente as históricas, chegando até às demais religiões. Trata-se, portanto, de um fenômeno de amplo alcance. A diferença está no modo como ele atinge cada uma destas religiões e o modo como elas reagem. A segunda observação alarga ainda mais o fenômeno, pois chama nossa atenção para o fato de que não se trata de algo específico desta ou daquela região do planeta. A realidade sobre a qual estamos falando diz respeito ao mundo todo, ainda que sob diversos graus de afetação. É por isso que um dos termos mais usados para descrevê-lo é exatamente globalização⁸.

“Ao ler o Documento de Aparecida, ele traz em seus números 37 a 44, o tema da globalização, mostrando que, além de ser uma realidade geográfica, no sentido de que atinge praticamente todos os povos, é também existencial, pois abrange as diversas instâncias da vida de pessoas e

⁷ Cf. Vídeo da 3ª Semana Brasileira de catequese. Iniciação à Vida Cristã. Comissão Episcopal para Animação Bíblico-catequética. Brasília: Edições CNBB, 2010.

⁸ Texto do I Congresso Brasileiro de Animação Bíblica da Pastoral. Conferência Episcopal para Animação Bíblico-Catequética. Goiânia – GO, 8 a 11 de outubro de 2011. pg 1. CD fornecido pelo Congresso.



povos⁹. Somado ao que apresenta Joel Portella, esse assunto está dentro da proposta de renovação da Igreja.

Ele se coloca dentro da preocupação missionária que perpassa hoje toda a Igreja, preocupada com a descristianização galopante tanto em países de antiga (Europa) como de nova cristandade (Brasil). Não é um tema novo, mas um desdobramento do Diretório Nacional de Catequese (2005), de Aparecida (2007): 'uma Igreja em estado de missão', da Missão Continental (2008)... e tantos apelos atuais da Igreja.¹⁰

3 Por onde começar

O momento é de grande transcendência. É o tempo de Deus e do anúncio do Evangelho, o tempo de Jesus, tempo da escuta de Deus, tempo de profecia, tempo da descoberta de Deus como nos tempos primitivos. As pesquisas, portanto, fazem perceber uma grande debilidade do cristianismo. Existe uma progressiva diminuição da prática religiosa e da catequese das crianças e jovens.

Aumentam os batismos de adultos, antes quase inexistente. Nesse sentido, quando se fala atualmente de formação cristã na paróquia, está-se falando de gerar agentes que consigam assimilar todas essas complexas mudanças que foram citadas, para poder, a partir delas, fazer o anúncio do Evangelho, pois se sabe que:

A renovação da paróquia e das comunidades depende de agentes de pastoral preparados para essa nova mentalidade. É necessário reforçar uma clara e decidida opção pela formação de todos os membros das comunidades. Trata-se de um itinerário que implica uma aprendizagem gradual e requer caminhos diversificados que respeitem os processos pessoais e os ritmos comunitários. Hoje, é indispensável a interação na qual a pessoa não é apenas informada, mas aprende a formar-se junto com os outros. Métodos, pedagogias interativas e participativas, precisam ser desenvolvidos entre as lideranças cristãs, para que promovam a participação na comunidade. Essas metodologias devem considerar especialmente a prática das comunidades e as experiências de vida das

⁹ Ibid, pg. 2.

¹⁰ Itaici (SP), Encontro Nacional do Clero, 08 de Fevereiro de 2010. Pe. Luiz Alves de Lima, sdb – expositor.



*peçoas, formando a consciência sobre o valor da vida comunitária para a fé cristã*¹¹.

Também é preciso saber que a formação do povo de Deus é sempre uma “ação eclesial que brota de Jesus Cristo”¹². Ela precisa vir depois da fé em Cristo, porque formação é aquilo que vem depois. Antes é preciso anunciar a Palavra, para que a pessoa se coloque em pé, no seguimento, no discipulado, por isso “começa sempre a partir de Jesus Cristo”¹³, “que introduz o ser humano na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja”¹⁴.

Mais do que, num primeiro momento, ou seja, o ensino de teorias, normas, dogmas, doutrina, a fim de obter um possível resultado feliz nas ações pastorais, por parte dos agentes, é preciso fazer o anúncio de Cristo, porque, a fé não é óbvia:

*Sucedo não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando-a como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora, tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que não é assim em grandes setores da sociedade, devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas*¹⁵.

“Na sua própria estrutura, o catecismo da Igreja Católica apresenta o desenvolvimento da fé até chegar aos grandes temas da vida diária. Repassando suas páginas, descobre-se que o que ali se apresenta não é uma teoria, mas o encontro com uma Pessoa que vive na Igreja”¹⁶. Essa Pessoa é Cristo. E Ele não é apenas um tema que se discute em reunião

¹¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 51ª Assembleia Geral da CNBB. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Aparecida-SP, 10 a 19 de abril de 2013.

¹² DOCUMENTOS DA CNBB. Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015. Documento 94. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 4.

¹³ *Ibid*, pg. 6.

¹⁴ BENTO XVI. A porta da fé (porta fidei). Carta Apostólica do Papa Bento XVI com a qual se proclama o Ano da Fé. São Paulo: Paulus, 2011. n. 1.

¹⁵ *Ibid*, n. 2.

¹⁶ *Ibid*, n. 11



de pastoral, em uma conferência, em seminários de teologia, mas Alguém que deve ser anunciado como proposta de vida para o mundo.

Portanto, um projeto de formação paroquial deve começar com o primeiro anúncio, o Kerigma, porque o caminho da fé se começa por ele e depois virá o ensino da catequese, da doutrina. Sem o Kerigma, se constrói a comunidade sobre a areia e quando surge o menor vento de novas doutrinas, se cai no relativismo ou na idolatria.

O primeiro anúncio se faz, não se ensina, e ao fazê-lo, ele dever estar impregnado de uma espiritualidade que vem da prática, dos momentos de vivência, partilha e celebrações na comunidade, nos pequenos grupos etc. Depois vem o conteúdo, mas há que saber que é como, sem menosprezo, tratar de uma criança. O alimento não pode ser muito sólido de início e tem que esperar o tempo que cada um precisa para poder receber na boca, mastigar, engolir e, mais ainda, muitas vezes é preciso dar um tempo suficiente para a pessoa digerir, ruminar, assimilar a proposta, seja ela qual for.

4 Ação formativa planejada

Sabe-se que toda ação evangelizadora, portanto, demanda projetos com seus objetivos gerais, específicos, e cronograma onde são colocados os conteúdos, as pessoas envolvidas com os temas, o início, o meio, o onde, o como e com quem fazer o cronograma etc. Esses são requisitos mínimos e básicos e servem para inúmeras áreas do saber e do fazer.

Se houver desprezo ou não for levando em conta de maneira séria, pode ter em mente que os resultados não serão os esperados. Os fracassos e as frustrações chegarão logo, por não serem levadas em conta coisas tão sérias.

Somado a isso, faz-se necessário refletir um pouco, ou lembrar, no entanto, as inúmeras vezes que aconteceram reuniões nas paróquias, nos setores, nas dioceses, nos regionais. Quanta paciência, amor, sabedoria, caridade, calma, habilidade, foi necessário por parte dos organizadores, palestrantes, para com as pessoas em particular, porque cada um é único, e deve dar a ele ou a ela um tratamento, acompanhamento personalizado, assim também com os grupos de maneira geral com suas mais variadas questões, anseios, angústias, alegrias e muitas vezes tristezas.



Ao avaliar a ação evangelizadora concretizada naquele determinado período, anteriormente proposto para determinadas ações e, depois, uma possível elaboração de projetos de evangelização futuros, os mais variados grupos e pessoas que compõem as pastorais, movimentos e organismos, ao debaterem sobre o planejamento da ação evangelizadora da Igreja, quase sempre pedem para que se tenha mais formação. De início, não fica claro sobre quais conteúdos se deseja estudar, por onde começar, mas sempre houve uma grande insistência com o tema.

São gritos, não anônimos, que surgem das bases. Estão, na verdade, dizendo que há uma carência de conhecimento e que não será possível levar adiante, de maneira eficaz, uma evangelização efetiva. Na verdade, o real interesse é que estejam melhor habilitados para o serviço do anúncio do Evangelho.

Esse debate enriquecedor, com certeza lançou e continua lançando luzes e fundamentos para a criação de escolas e núcleos de formação em seus mais variados níveis, e continua ajudando na reflexão sobre como deve ser pensado, formulado, formatado, reelaborado, reeditado um bom projeto, seja ele para o nível básico, de aprofundamento, de graduação ou pós-graduação. Esse anseio dos grupos citados é sentido por toda Igreja, por todos os que lidam diariamente com as dificuldades de manter uma comunidade viva e atuante, muitas vezes debilitada nos conhecimentos básicos da fé, da religião, da Igreja, de Jesus Cristo.

5 A catequese de Iniciação à Vida Cristã

Sabe-se, portanto, que essa questão não é nenhuma novidade para a Igreja, “perita em humanidade”, sobretudo no que diz respeito à necessidade de se conhecer melhor, para seguir melhor o Senhor. Seguindo o Concílio Vaticano II, por exemplo, estamos convencidos de que: “A eficácia do apostolado só é plena quando se conta com uma formação diversificada e integral, [...] adaptada à capacidade e circunstância em que vive cada um”¹⁷. “A doutrina cristã deve ser proposta de forma adaptada às necessidades de hoje, respondendo às dificuldades e às principais questões que angustiam e preocupam a humanidade”¹⁸.

¹⁷ Conc. Vat. II, Decreto *Apostolicam actuositatem* sobre o apostolado leigo. n. 28-29.

¹⁸ Conci. Vat. II, Decreto *Christus Dominus* sobre a função pastoral dos bispos e da Igreja. n. 13.



Sejam vigilantes no que diz respeito à instituição catequética, que visa, pela ilustração da doutrina, tornar viva, explícita e atuante a fé entre os seres humanos. Que ela seja ministrada cuidadosamente às crianças e aos adolescentes, como também aos jovens e adultos. Observe-se sempre o método mais apropriado, dentro da ordem ditada menos pela conveniência da matéria do que pela índole, capacidade, idade e condição de vida dos ouvintes, sempre com base na Sagrada Escritura, na Tradição, na liturgia, no magistério e na vida da Igreja. Procurem fazer com que os catequistas sejam bem preparados para a sua função, conhecendo plenamente a doutrina da Igreja, a psicologia, a pedagogia, tanto prática como teoricamente. Reestabeleçam também, na forma mais apropriada, a instituição dos catecúmenos adultos¹⁹.

Ao ler o Concílio Vaticano II, (GS, 64; SC, 65), se tem a impressão de que a reflexão catequética e a realidade eclesial vivida fez com que a Igreja olhasse para o passado para entender como as comunidades cristãs primitivas iniciavam aqueles que poderiam tomar parte dentro da própria comunidade. Nesse sentido, a Iniciação à Vida Cristã deve ser entendida como um processo pelo qual as pessoas são introduzidas, pelo desígnio salvador do Pai, ao mistério pascal do Filho, de tal forma que, gerados com filhos de Deus e cheios do Espírito Santo, se identificam progressivamente com Cristo.

Isso significa que, aquilo que hoje tradicionalmente denominamos “catequese”, deve ser conduzido conforme o *processo de iniciação*, que é muito mais exigente e comprometedor, e não apenas “preparar para os sacramentos”, os quais infelizmente, em nossa realidade, tornam-se frequentemente “sacramentos de finalização” ou seja, são os últimos contatos que, muitas vezes, jovens e crianças têm com a Igreja (a crisma muitas vezes se degenera em “sacramento do adeus”!).²⁰

6 O caminho da Iniciação à Vida Cristã

Esse tema é de grande atualidade, porque a realidade pastoral está exigindo uma profunda renovação. O interlocutor que temos atualmente, os catequistas, sem dúvida são um novo sujeito, também novo é o contexto cultural em que vive a Igreja. É por isso que se faz necessário planejar

¹⁹ Ibid, 14.

²⁰ Itaici (SP), Encontro Nacional do Clero, 08 de Fevereiro de 2010. Pe. Luiz Alves de Lima, sdb – expositor.



uma renovação da catequese a partir desta perspectiva. A fé não é alheia a este tempo de crise na transmissão de todo tipo de valores. Portando, vamos analisar a partir de diferentes perspectivas o que implica falar de Iniciação à Vida Cristã.

O tema da Iniciação à Vida Cristã sem dúvida reveste-se de uma extraordinária importância para a atualidade, porque ele está relacionado com o começo da vida cristã e se refere àquilo que se pode chamar de “tarefa central de toda a Igreja”²¹, a de “fazer cristãos”²².

Olhando para os primeiros tempos, esse tema traz luzes para a revisão da atual realidade pastoral, e inspira para descobertas de novos caminhos. Não se trata de repetir modelos anacronicamente, senão de beber da mística que animava aqueles tempos, para recriar a catequese atual dando um novo significado à prática cotidiana.

“A revisão e renovação da catequese inicial é uma convicção geral que surge, tanto da nova eclesiologia proposta a partir do Concílio Vaticano II, como da necessidade de uma consequente pastoral orgânica, junto à realidade social e cultural atual, profundamente desafiante”²³. Vive-se uma mudança de época, com profundas transformações, culturais, sociais, familiares etc. Nesse sentido, para uma nova proposta pastoral, se faz necessário urgente reajuste a esta nova realidade. Deve-se olhar com muito realismo e sinceridade a atual situação.

São muitos os crentes que não participam da Eucaristia dominical, nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial [...]. Esse fenômeno nos interpela profundamente a imaginar e organizar novas formas de participação comunitária e de compromisso cidadão. Temos uma alta porcentagem de católicos sem consciência de sua missão de ser sal da terra e fermento no mundo. Esses têm uma identidade cristã fraca e vulnerável [...]. Por isso, o grande desafio hoje é a Iniciação à Vida Cristã [...]. Nesta sociedade e cultura em que se vive, sobretudo tendo em conta a descrição que traz o

²¹ CONSTITUIÇÃO *LUMEN GENTIUM*. In: KLOPPENBURG, B. (org) Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. n. 8.

²² Cf. ALMEIDA, J. Antonio. ABC da Iniciação Cristã. São Paulo: Paulinas, 2010. pg.

²³ Cf. Comissão Episcopal de catequese e pastoral Bíblica da Argentina. Isca. Módulo 0. El “Hoy” de la Iniciación Cristinana. pg. 3.



Documento de Aparecida quando diz que, em muitas partes, a Iniciação à Vida Cristã tem sido pobre e fragmentada”²⁴.

Diante desse desafio, a realidade da catequese nos questiona sobre a necessidade de uma profunda renovação, para que se tenha uma verdadeira catequese de Iniciação à Vida Cristã, a qual, além de mostrar o quê, “dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza”²⁵.

7 Um olhar para nossa realidade pastoral. O sujeito da IVC26, suas motivações e as motivações da Igreja para com ele

O Documento de Aparecida nos diz que, quando falamos de IVC, sempre se ouvem vozes em nossas comunidades que diagnosticam o seguinte:

- Falta de compromisso e perseverança dos batizados. Onde estão eles?
- Uma identidade cristã frágil ou fraca. Essas pessoas se dizem católicas?
- Falta de consciência da missão. Não teríamos que ser sal e fermento na massa?

Portanto, como comunidade eclesial, o Documento de Aparecida nos convida a revisar:

- Como estamos educando na fé.
- Como estamos alimentamos a vivência cristã.

Devemos voltar com fervor aos primeiros tempos da Igreja, para dar testemunho de nosso encontro vital com Jesus Cristo...

- Convidar outros e acompanhá-los em seu encontro com Jesus Cristo. Que sejam “discípulos”.

²⁴ CELAM. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007. n. 286-287.

²⁵ CNBB. *Iniciação à Vida Cristã*: um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2009. Estudos da CNBB 97.

²⁶ Daqui para frente, aonde se ler IVC, entende-se Iniciação à Vida Cristã.



- Compartilhar com eles o caminho da fé para que sigam a Cristo. Que sejam “missionários”.

É necessário buscar com criatividade um modelo operativo de IVC que ajude a repensar e dar um significado novo para...

- O que?
- Para quem?
- O como?
- Onde se realiza a IVC.

8 Perda da centralidade do Mistério Pascal na liturgia e da prática sacramental

Não é nova a questão de que se perdeu a prática sacramental. Há muito tempo se fala de que é preciso resgatar o domingo como “dia do Senhor”, como afirma a *Verbum Domini* e Aparecida. É sabido que uma autêntica espiritualidade de comunhão nasce da Eucaristia. Ela preenche, com ampla plenitude, os anseios de unidade fraterna que abriga o coração humano. Não é casual que o termo “comunhão”, foi transformado em um dos nomes específicos deste sublime sacramento.

Do mesmo modo, esta atitude do coração alimenta-se na escuta constante da Palavra de Deus como afirma a *Verbum Domini*, na liturgia dominical, na celebração gozosa do sacramento da penitência, na oração pessoal e na vida comunitária com todas as suas exigências.

Muitos não participam na vida das comunidades cristãs, debilitando-se seu sentido de pertença e seu crescimento na fé. Diante dessa realidade espiritual, cada vez mais acentuada, há que se colocar um particular empenho para que, mediante um vigoroso anúncio do Evangelho, nenhum batizado fique sem completar sua Iniciação à Vida Cristã, facilitando a preparação e o acesso aos sacramentos da Confirmação, Reconciliação e Eucaristia.

Com suave, porém, firme, persuasão pastoral, a Igreja convida a todos para participarem de uma vida cristã que se distingue pela arte da oração, pelo olhar de quem quer alcançar a plenitude da participação eucarística, sobretudo na celebração dominical. Se a comunidade estiver comprometida com a renovação da catequese que hoje se chama *Iniciação à Vida Cristã*, terá como fruto um resurgimento de tudo o que foi dito acima, uma vez que o encontro com o Senhor desperta verdadeira



fome, sendo que só Ele é capaz de ser o alimento verdadeiro que é distribuído entre os irmãos e irmãs que partilham da mesma fé, membros de Sua família.

9 Conceito chave: cristocentrismo trinitário nos sacramentos

A Iniciação à Vida Cristã é um caminho progressivo de identificação com Cristo que tem seu começo quando o catecúmeno é marcado com a Cruz do Senhor e alcança seu momento culminante quando se faz um com Ele participando sacramentalmente do seu Mistério Pascal.

Neste caminho de configuração com Cristo, o Batismo submerge a pessoa na vida de filhos no Filho. A Confirmação, pelo Dom do Espírito Santo, configura os cristãos mais perfeitamente com Cristo e fortalece a sua vida. E, pela Eucaristia, o cristão se identifica plenamente com o Senhor.

Participando de seu sacrifício, os membros da comunidade se oferecem com Cristo ao Pai e, comendo o Corpo e o Sangue do Filho, desfrutam da antecipação salvífica do banquete celeste. Cada um dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã expressa um progressivo aprofundamento no Mistério de Cristo.

Cada sacramento prepara a pessoa para o que vem depois, para o outro sacramento que virá, realizando no cristão o que se realizou em Jesus Cristo. Sendo assim, pode-se dizer que a IVC, supõe uma seqüência ritual, que expressa sacramentalmente uma progressiva participação na graça de Deus. Porque os fiéis, renascidos no Batismo, se fortalecem com o Sacramento da Confirmação e são alimentados pela Eucaristia [...], assim recebendo, cada vez mais, com mais abundância, os tesouros da vida divina e avançando para a perfeição da caridade.

Nesse sentido, é preciso aprofundar uma autêntica teologia deste Grande Sacramento, por isso é necessário contemplar a intrínseca relação entre a IVC e o acontecimento pascal e considerar seu significado trinitário²⁷. Considerar a IVC como acontecimento trinitário significa compreendê-la como ação de Deus Trindade, o que implica a conversão ao Deus trinitário e procura a inserção plena – se bem que sujeita

²⁷ CELAM. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007. n. 6.1.



à tensão escatológica, do “já, porém, ainda não” – na vida trinitária de Deus. Portanto, para planejar uma renovação da catequese com a chave da IVC, implica assumir radicalmente os conceitos já colocados no Diretório Geral de Catequese:

Jesus revela o Espírito Santo que, com o Pai, Ele envia à sua Igreja. O Espírito nos une a Jesus Cristo, formando um único Corpo, a Igreja, Povo santo de Deus. Jesus de Nazaré, Filho Unigênito do Pai, e de Maria sempre Virgem, é a Palavra encarnada do Pai: Palavra única e definitiva que fala ao mundo em todas as línguas, com o seu Espírito, no seu Corpo eclesial e católico (cf. Ap 2, 11). Particularmente na Confirmação, a catequese aprofunda mais a presença e a ação do Espírito com seus dons e carismas e seu impulso para a missão. O mistério da Santíssima Trindade, revelado por Jesus, é o centro da fé e da vida cristã. O Deus revelado em Jesus Cristo é um Deus-Comunhão. Esse Deus-Comunhão de Pai, Filho e Espírito Santo é a inspiração da comunhão que somos chamados a viver. É isso que significa ser “criado à imagem e semelhança de Deus”. Essa comunhão deve estar refletida nas relações pessoais, na convivência social e em todas as dimensões da vida, inclusive econômica, social e política, fazendo-nos irmãos, filhos do mesmo Pai (cf. CR 201-202; cf. P 211-219). Jesus nos ensina que a vida trinitária é a fonte e meta da nossa vida e, portanto, também da catequese.²⁸

A Palavra de Deus, encarnada em Jesus de Nazaré, Filho de Maria virgem, é a Palavra do Pai, que fala ao mundo por meio de seu Espírito. Jesus remete-se constantemente ao Pai. Ele é conhecido como Filho Único e ungido pelo Espírito Santo. Ele é o caminho que leva ao mistério íntimo de Deus. O Cristocentrismo da catequese, em virtude de sua própria dinâmica interna, conduz à confissão da fé em Deus: O Pai e o Filho e o Espírito Santo.

É um cristocentrismo essencialmente trinitário. Os cristãos, pelo Batismo, são configurados com Cristo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, e esta configuração situa os batizados como filhos no Filho em comunhão com o Pai e com o Espírito Santo. Por isso, a sua fé é radicalmente trinitária. O Mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã.

O cristocentrismo trinitário da mensagem evangélica impulsiona a catequese a cuidar, entre outras coisas, dos seguintes aspectos:

²⁸ Diretório Geral de Catequese 99-100.



- A estrutura interna da catequese, em qualquer modalidade de apresentação, será sempre cristocêntrica-trinitária: por Cristo ao Pai e no Espírito. Uma catequese que omitir uma dessas dimensões e desconhecer sua orgânica união, correria o risco de trair a originalidade da mensagem cristã.
- Seguindo a mesma pedagogia de Jesus, em sua revelação do Pai, de si mesmo como Filho e do Espírito Santo, a catequese mostrará a vida íntima de Deus, a partir de suas obras salvíficas em favor da humanidade. As obras de Deus revelam quem é Ele em si mesmo e, o mistério de seu ser íntimo ilumina a inteligência de todas suas obras. Sucede assim, analogicamente, nas relações humanas: as pessoas se revelam por suas obras e, à medida que as conhecemos melhor, compreendemos melhor sua conduta.
- A apresentação do ser íntimo de Deus, revelado por Jesus, uno na essência e trino nas pessoas, mostrará as implicações vitais para a vida dos seres humanos. Confessar a um Deus único, significa que o homem não deve submeter sua liberdade pessoal, de modo absoluto, a nenhum poder terreno. Significa também, que a humanidade, à imagem de um Deus que é comunhão de pessoas, está chamada a ser uma sociedade fraterna, composta por filhos de um mesmo Pai, iguais em dignidade pessoal. As implicações humanas e sociais da concepção cristã de Deus são imensas. A Igreja, ao professar sua fé na Santíssima Trindade e anunciá-la ao mundo, se compreende a si mesma como uma multidão de pessoas reunidas pela unidade do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

E-mail do Autor:

padrelimadedeus@hotmail.com